

Dossiê - Dossier

Homenagem a Ruth Monserrat

Tribute to Ruth Monserrat

organizado por / organized by
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Jorge Domingues Lopes
Lucas Barbosa de Melo
Lucivaldo Silva da Costa
Maria Cristina Macedo Alencar
Quélvia Souza Tavares
Sanderson C. Soares de Oliveira



UnB

As fonologias Kaxararí

Kaxararí phonologies

Sanderson Castro Soares de Oliveira¹

ORCID: 0000-0003-4260-2934

DOI: 10.26512/rbla.v16i1.56737

Recebido em setembro/2024 e aceito em outubro/2024.

Resumo

O presente artigo é parte de uma homenagem à Ruth Maria Fonini Monserrat e visa situar sua contribuição para o estudo da fonética e da fonologia da língua Kaxararí. Além desse objetivo, o artigo visa ainda dar um panorama geral dos estudos sobre a fonética e/ou sobre a fonologia da língua e apontar questões de interesse para pesquisas futuras. O estudo partiu de um levantamento de trabalhos publicados e não publicados sobre a fonética e/ou sobre a fonologia da língua Kaxararí. Foram levantados os trabalhos de Pe. Békšta (1977), Souza (1986), Silva (1986), Cabral e Monserrat (1987), Sousa (2004), Couto (2005) e Barbosa (2015). Foi então realizada uma análise desses trabalhos e os resultados da análise estão sintetizados nesse artigo em duas seções principais, uma que apresenta a fonética e/ou a fonologia segmental apresentada em cada trabalho e outra que discute alguns fenômenos, considerando o(s) autor(es) que o descrever(am) e como a questão é tratada em cada trabalho. Os resultados são também sintetizados em tabelas que resumem as observações apresentadas.

Palavras-chave: Kaxararí; família Pano; Ruth Monserrat.

Abstract

The present article is part of a tribute to Ruth Maria Fonini Monserrat and aims to highlight her contribution to the study of the phonetics and phonology of the Kaxararí language. In addition to this objective, the article seeks to provide an overview of studies on the phonetics and/or phonology of the language and to point out issues of interest for future research. The study began with a survey of published and unpublished works on the phonetics and/or phonology of the Kaxararí language. The works surveyed

¹ Professor Adjunto C-II do curso Formação de Professores Indígenas (FPI) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

include those by Fr. Békšta (1977), Souza (1986), Silva (1986), Cabral and Monserrat (1987), Sousa (2004), Couto (2005), and Barbosa (2015). An analysis of these works was then conducted, and the results of the analysis are summarized in this article in two main sections. One section presents the segmental phonetics and/or phonology as described in each work, while the other discusses certain phenomena, considering the author(s) who described them and how the issue is addressed in each study. The results are also summarized in tables that consolidate the observations presented.

Keywords: Kaxararí; Pano family; Ruth Monserrat.

0. Introdução

O presente artigo é uma contribuição para o reconhecimento do trabalho de Ruth Maria Fonini Monserrat nos estudos das línguas indígenas brasileiras. Para tanto, o artigo tem o triplo objetivo de a) situar as contribuições de Ruth Monserrat² para os estudos fonológicos da língua Kaxararí, b) fazer um balanço do que conhecemos até o presente sobre a fonética e a fonologia da língua e c) gerar hipóteses para estudos futuros. Para tanto, foi feito o levantamento de todas as propostas de estudo da fonética e da fonologia da língua até o presente momento, considerando tanto trabalhos publicados quanto manuscritos disponíveis no acervo do Grupo de Pesquisa sobre Línguas e Culturas Amazônicas (LCA/UFAM). O estudo então compara as diferentes propostas, observando concordâncias, divergências e avanços nas descrições e nas análises. Para cada análise, é apresentado o quadro fonético e, sempre que possível, o quadro fonológico. O estudo está dividido em 5 seções, incluindo as referências bibliográficas. Na seção 1, é apresentado um breve resumo do povo e a língua Kaxararí, com ênfase na relevância dessa para os estudos históricos no interior da família Páno. Na seção 2, são descritos os 7 trabalhos encontrados sobre a fonética e/ou sobre a fonologia da língua Kaxararí. Na seção 3, são descritos alguns fenômenos e variações observadas nos trabalhos e que podem ser aprofundados em pesquisas posteriores. Na seção 4, são apresentadas as considerações finais do trabalho, que são seguidas das referências bibliográficas.

1. A língua Kaxararí

A língua Kaxararí é falada pelo povo de mesmo nome, que se situa no estado de Rondônia, na região de fronteira com os estados do Acre e do Amazonas. Segundo registrado no site do Instituto Socioambiental (ISA), com base em dados da FUNASA, a população Kaxararí era de 318 pessoas,

² O trabalho de campo e a análise foi realizada em colaboração com Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, como será discutido na seção 2.

em 2009³. É uma língua com pouca documentação e que não conta com dicionário ou gramática de referência⁴, mas conta com 7 descrições fonéticas e/ou fonológicas com distintos graus de profundidade, considerando trabalhos publicados e não publicados.

A língua Kaxararí é considerada membro putativo de um sub-ramo do ramo Central da família Páno (Oliveira 2023; Fleck 2013)⁵. A existência de um fonema africado /tʃ/, que se desenvolveu a partir de um *t da proto-língua, e de um fonema lateral /l/, que corresponde a /n/⁶ na maioria das outras línguas da família são características fonológicas importantes para o estudo da família (Oliveira, 2014). Além disso, a língua apresenta vogais médias /ɛ/ e /ɔ/, que são bastante raras no interior da família, sendo observadas apenas no subgrupo Norte e na língua Kakataibo, membro putativo de outro subgrupo do ramo central da família Pano (Oliveira 2023; Fleck 2013, Valenzuela e Zariquiey 2023). Dada a sua posição no interior da família, sendo considerada como um dos primeiros desmembramentos Páno, a língua apresenta grande importância para os estudos comparativos e reconstitutivos dessa unidade genético-linguística.

2. As fonologias da língua Kaxararí

Como mencionado acima, foram encontradas 7 descrições fonético-fonológicas da língua Kaxararí, incluindo trabalhos não publicados. De fato, apenas os trabalhos de Sousa (2004)⁷, Couto (2005) e Barbosa (2015)⁸⁹

³ <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaxarari>, acesso em 10 de dezembro de 2024.

⁴ Valenzuela, Oliveira e Sousa estão desenvolvendo um esboço gramatical da língua.

⁵ Para uma análise alternativa, ver Valenzuela e Guillaume (2017), Zariquiey *et al.* (2022) e Valenzuela e Zariquiey (2023).

⁶ Algumas poucas línguas passaram por um processo de desnasalização recente e apresentam um som correspondente [d], que é analisado fonologicamente como /n/ e como /d/ a depender da análise.

⁷ Esta autora cita a existência de uma fita que, pelo que se entende, está no “Arquivo Pano” do Museu Antropológico da UFG. A fita foi gravada por Maria Sueli de Aguiar “em Rio Branco, tendo como informante o Kaxarari Antônio Kaibu, que ali estava em um curso” (Sousa 2004, 15).

⁸ Há ainda um trabalho citado em Barbosa (2015), mas ao qual não tivemos acesso: CÂNDIDO, Gláucia V.; RIBEIRO, Lincoln A. A.; ISHY, Priscila H. *Uma nova visão sobre aspectos fonológicos da língua Kaxarari da família Pano*. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 57., 2009, Ribeirão Preto. Manuscrito (apresentação de comunicação oral). Ribeirão Preto: Universidade de Ribeirão Preto, 2009.

⁹ Há dados do Kaxararí também em Lanes (2005, 2000), mas não se trata de um trabalho sobre a língua, mas antes de tudo de um trabalho comparativo no interior da família Páno. Barbosa (2015) informa que no trabalho de Lanes (2000) constam 165 palavras da língua Kaxararí.

são públicos. Os trabalhos de Pe. Békšta (1977), de Souza (1986) e Silva (1986) e de Cabral e Monserrat (1987) são manuscritos que obtive de formas diversas¹⁰. O trabalho do Pe. Casimiro Békšta me foi passado ainda durante meu doutorado pelo Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues e pela Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, sendo parte do acervo do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UnB). Os manuscritos de Souza (1986) e de Silva (1986) foram encontrados no que denomino como Acervo Loos, um conjunto de trabalhos publicados, dissertações, teses, artigos, correspondências e manuscritos de diversos autores sobre línguas e culturas da família Pano, recolhidos por Eugene E. Loos. Este acervo me foi gentilmente cedido por Rogério Vicente Ferreira, linguista que trabalha com, entre outras, a língua Matis, membro do ramo Norte da família Pano. O trabalho de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e de Ruth Maria Fonini Monserrat (1987) fazia parte do acervo pessoal da primeira e me foi passado ainda durante meu doutorado, sob sua orientação. Na seção seguinte, apresento um resumo de cada um dos trabalhos que são considerados no presente artigo.

2.1 Békšta (1977)

O trabalho do Pe. Casimiro Békšta é, de fato, um manuscrito não publicado cujo título “Kašarari. Subsídios para alfabetização na língua tribal: situação dos falantes Kašarari. Pesquisa fonética-fonológica. Sugestão: Cartilha e Leituras.” deixa clara as intenções do autor. Mais do que apresentar uma descrição da língua, o autor tem como objetivo o estabelecimento de uma ortografia e a criação de uma cartilha de alfabetização na língua. Além da análise fonético-fonológica, o autor ainda apresenta uma descrição morfológica e morfossintática da língua e uma proposta inicial de cartilha. Sua análise fonético-fonológica, embora bastante rica, não deixa claro o *status* de alguns fones e apresenta bastante informações ambíguas, ficando o leitor encarregado de concluir sobre questões importantes apresentadas no trabalho. O trabalho tem o mérito de apresentar muitos fones, apontando para casos de alofonia, tanto consonantais quanto vocálicas, na língua. Na tabela abaixo, é possível verificar que o autor apresenta apenas o quadro fonético dos contóides e vocóides, não chegando a estabelecer claramente alguns dos segmentos fonológicos em seu trabalho, embora apresente pares mínimos, pares análogos e informações sobre alofonia.

¹⁰ Oliveira (2014) apresenta uma discussão da fonologia Kaxararí a partir dos trabalhos de Cabral e Monserrat (1987), Sousa (2004) e Couto (2005).

Tabela 1¹¹
Quadro fonético provisório¹²¹³

[p]		[t]		[k]	[ʔ]
[b]		[d]		[g] ¹⁴	
		[ts]	[tʂ]		
		[tL] ¹⁵			
		[l]			
[β]	[f] ¹⁶			[x]	[h]
		[s]	[ʂ]		
m		[n]	[ɳ]	[ŋ]	
		[l] ¹⁷			
		[r̄]			
		[ɽ]			
		[ɹ]			
		[ɻ]			
w				[y]	

Fonte: Békšta (1977)

¹¹ O título das tabelas nesta seção seguem os registrados nos trabalhos originais.
¹² Os títulos das tabelas em toda esta seção seguem o que está registrado no original por cada um dos autores.
¹³ Diferentemente dos originais, nesta seção, optou-se por acrescentar [] ou // aos segmentos para evidenciar se a representação é fonética ou fonológica. Alguns símbolos também foram atualizados e optou-se por utilizar os símbolos do IPA, sempre que possível.
¹⁴ [g] só se encontra em palavras emprestadas do português (nota de Békšta (1977)).
¹⁵ Há o registro de um fone no original, mas não é possível saber exatamente qual. A atribuição desse fone específico se deve à consideração da análise apresentada pelo autor na sequência.
¹⁶ [f] só se encontra em palavras emprestadas do português (nota de Békšta (1977)).
¹⁷ Békšta representa esse som com o diacrítico [̣] sobre ele. Como está baseado nos símbolos do que se chama de “alfabeto de Pike”, seria uma lateral vibrante simples. No entanto, não há concordância sobre a descrição de uma lateral como vibrante, de modo que representamos apenas como lateral.

Tabela 2
Vocóides sonoros¹⁸

[i]	[i] ¹⁹	[u]	
[ɪ]	[ɪ]	[ʊ]	
[e]	[ə]	[o]	[ẽ]
[ɛ]	[ʌ]	[ɔ]	[ẽ]

Fonte: Békšta (1977)

Ainda que não apresente claramente um quadro de fonemas ou liste os fonemas considerados por ele. Békšta observa, ao final de sua tabela, que “usam-se parêntesis²⁰ (...) para indicar grafia fonética. Com barras inclinadas indica-se grafia fonêmica”. Após essa observação, o autor passa a apresentar uma série de oposições em ambientes idênticos, seguidas de observações sobre distribuição complementar e de contrastes em ambientes análogos. Não há demonstração de oposição para todos os fonemas, mas, a partir das oposições /k/ : /t/, /x/ : /h/, /h/ : /ʔ/, /ʔ/ : /Ø/, /k/ : /h/, /s/ : /ts/, /s/ : /ʃ/, /s/ : /ts/, /t/ : /ts/, /ts/ : /tʃ/, /m/ : /n/, /n/ : /ɲ/, /y/ : /ɲ/, é possível concluir que /t/, /k/, /x/, /h/, /ʔ/, /s/, /ʃ/, /ts/, /tʃ/, /m/, /n/, /ɲ/, /y/ são considerados fonemas consonantais. Quanto aos fonemas vocálicos, o autor apresenta as oposições /a/ : /ã/, /ẽ/ : /ẽ̃/²¹, /u/ : /ũ/, /ẽ/ : /i/, /e/ : /i/, /u/ : /o/, /i/ : /ĩ/, de onde se conclui que /a/, /i/, /u/, /i/, /e/ são fonemas orais e que /ã/, /ĩ/, /ũ/ /ĩ/ são fonemas vocálicos orais.

2.2 Souza e Silva (1986)

De fato, trata-se de 2 manuscritos que estão juntos no Acervo Loos e que são encaminhados a Eugene Loos por Kathy Jefferson por e-mail

¹⁸ Todos os vocóides aparecem também nasalados (nota de Békšta (1977)).

¹⁹ Por falta de apuração do ouvido, os vocóides centrais médios e altos não arredondados ficaram confundidos com vocóide posterior médio não arredondado, e foram escritos indistintamente com [ẽ]. (nota de Békšta (1977))

²⁰ No presente artigo, utiliza-se [] como é a convenção atual recomendada pelo IPA e não () como aparece em Békšta (1977).

²¹ Como mencionado anteriormente, o autor observa que [ẽ] corresponde a [i], mas que foi registrado com o primeiro símbolo por um equívoco.

em 1991. O trabalho de Souza (1986) é constituído de uma lista de 177 palavras com um quadro fonético e com uma lista dos fones descritos articulatoriamente. Em suas transcrições, há algumas observações que nos permitem hipotetizar alofonias, em sua maioria, vocálicas. O trabalho de Silva (1986) é composto de uma sistematização dos termos de parentesco registrados por Souza; por um conjunto de exemplos que parecem querer evidenciar a presença de acento 'CV.CV e CV.'CV; por uma descrição das estruturas silábicas com exemplos, onde se registra os padrões V, CV, VC, CVC e uma generalização de suas observações; por um esboço de fonotática em que se observa a ocorrência de fones consonantais e vocálicos em diferentes ambientes considerando o início e o interior de palavra e as estruturas silábicas²². O manuscrito de Silva (1986) nos permite hipotetizar sobre alguns fenômenos na língua. Esse manuscrito é majoritariamente composto por dados de Souza (1986), mas é possível verificar que ele também inseriu dados de Pickering²³ (1973) e de outras fontes indicadas como “Fita”, “Fita Kaxarari” e como “Fita Wilma”²⁴. Assim como no trabalho de Békšta (1977), o trabalho não apresenta uma tabela fonológica ou mesmo indica claramente quais são os fonemas da língua. Diferente do autor anterior, nem Souza (1986) e nem Silva (1986) apresentam informações sobre alofonias e sobre possíveis processos fonológicos. Como mencionado anteriormente, alguns registros nas transcrições são sugestivos de variação livre e podem ser aproveitados para levantamento de hipóteses.

Tabela 3
Quadro Fonético Kaxarari
Consoantes (contóides)

[illegible]

²² Silva apresenta ainda algumas observações sintáticas, morfológicas e morfossintáticas, alguns paradigmas (e.g. pronomes) e algumas classes de palavras orientadas semanticamente (e.g. cores), mas não serão considerados, pois nesse artigo privilegiamos apenas as análises fonético-fonológicas.

²³ Pickering (1973) é o primeiro trabalho a disponibilizar uma lista de palavras foneticamente transcritas sobre a língua Kaxararí e a afirmar que esta é uma língua da família Pano.

²⁴ Dados apresentados por Silva como “68P. [ˈhotʃawi] ‘vem cá!’” e “70P. [kahi maʔa] ‘Não vá!’” não constam da lista publicada por Pickering (1973) e sugerem que Silva teve acesso às gravações deste último autor. Silva (1986) esclarece que dados identificados com P a frente da numeração são de Pickering.

		[z]
[m]	[n] [ny]	
	[ɾ]	
	[l]	
[w]		[y]

Fonte: Souza (1986)

Tabela 4
Vogais (vocóides)

[ĩ] [i]		[u] [ũ]
[ɪ]		[i] [u]
[e]	[ə]	[ẽ] [ĕ] [o]
	[ã] [ʌ]	25
	[a]	

Fonte: Silva (1986)

2.3 Cabral e Monserrat (1987)

Cabral e Monserrat (1987) escrevem, de fato, um “Relatório” ao “CNPq/FNPM”, em que informam sobre uma viagem realizada “de 05 a 29 de agosto de 1987 [...] às aldeias Kaxararí (RO) e Katukina (AC)”. Segundo as autoras, permaneceram na “aldeia Kaxarari do Rio Azul” por “7 dias”. O subtítulo do relatório informa o objetivo do trabalho e do informe realizado, que é a “Atualização léxico-semântica de línguas indígenas. Documentação da língua Kaxarari”²⁶. Apesar do trabalho ser assinado pelas duas autoras, que estiveram juntas em campo e são responsáveis pelo informe como um

²⁵ Aparentemente, o autor colocou um símbolo nesse espaço e borrou ou está ilegível por algum outro motivo.

²⁶ O relatório informa ainda sobre uma estada de 4 dias na aldeia.

todo, Cabral (c.p.) credita à Monserrat a atuação principal na descrição fonética e na análise fonológica apresentada sobre a língua Kaxararí. As autoras contaram com a colaboração de vários indígenas Kaxararí, o que é importante para algumas observações sobre variação que fazem no trabalho. No relatório, registram que:

Vários informantes se dispuseram a ajudar-nos nessa primeira etapa de documentação da língua: Kaibu (o velho chefe), duas jovens adolescentes e uma mulher adulta, o professor Miguel, e mais três homens. Esses mesmos informantes nos forneceram os dados sobre os neologismos recentes na língua.

Este é o primeiro trabalho a indicar de forma clara e inequívoca o que consideram como fonemas segmentais da língua, inclusive, apresentando um quadro dos contóides e um quadro fonológico das consoantes assim como um quadro dos vocóides e um quadro fonológico das vogais. Também é o primeiro trabalho a identificar a palatalização de consoantes e a assinalar a intensidade como acento. No entanto, as autoras não dão um tratamento definitivo à ambas as questões. Esses e outros aspectos serão discutidos abaixo.

Tabela 5
QUADRO DOS CONTÓIDES

	labiais	alveo-dentais	palatais	velares	faringais
oclus.	[p]	[t] [tʰ]		[k] [kʰ]	[ʔ]
afric.		[ts]	[tʃ] [tʃʰ]		
fricat.	[ᵇf] [β]	[s]	[ʃ] [ʃʰ]		[h]
	[m] [mʰ]	[n] [nʰ]			
	[u] (w)		[i](y)		
flaps		[ɾ] [ɾʰ]			
lat.		[l] [l̥] [lʰ]			

Fonte: Cabral e Monserrat (1986)

Tabela 6

CONSOANTES

	lab.	alveo-dent.	palatais	vel.	faring.
oclus.	/p/	/t/		/k/	/ʔ/
afric.		/ts/	/tʃ/ /tɕ/		
fricat.	/β/	/s/	/ʃ/ /ɕ/		/h/
nas.	/m/	/n/			
glides	/w/		? /y/		
flaps		/r/			
laterais		/l/			

Fonte: Cabral e Monserrat (1986)

Tabela 7

QUADRO DOS VOCÓIDES

	ant.	centr.	post.	NASAIS		
altas	[i]	[i]	[u] [o]			
médias		[ə̃]	[õ]	[ĩ]	[ĩ]	[ũ]
baixas	[ɛ]	[a]			[ã]	

Fonte: Cabral e Monserrat (1986)

Tabela 8

	VOGAIS ORAIS		VOGAIS NASAIS	
	-posterior	+posterior		
+ altas	/i/	/u/	/ĩ/	/ũ/
- altas	/ĩ/	/a/	/ã/	/ã/

Fonte: Cabral e Monserrat (1986)

2.4 Sousa (2004)

Sousa é a primeira dissertação de mestrado e o primeiro trabalho acadêmico *stricto sensu* a analisar a fonética e a fonologia da língua Kaxarari. Também é o primeiro trabalho público após a lista de Pickering (1973). O trabalho contou com dados de primeira mão obtidos em trabalho em campo “no período de julho/2001 – outubro/2021, totalizando um período de seis semanas na Aldeia Pedreira”²⁷. A autora relata que considerou o uso cotidiano da língua e a “disponibilidade de tempo e a paciência para as sessões de elicitación” (Sousa 2004, 17) na escolha dos colaboradores da pesquisa, tendo contado com 5 indígenas Kaxarari, 4 homens e 1 mulher: “Vitorino César Kaxarari, Antônio César Kaxarari, Fransuir César Kaxarari, Marisina César Kaxarar e Dionísio César Kaxarari” (Sousa 2004, 18). Assim como Cabral e Monserrat (1986), o trabalho também estabelece de forma clara os fonemas da língua e apresenta um quadro com eles. Apresenta pares mínimos e análogos que evidenciam seus fonemas e informações sobre alofonias. No entanto, diferentemente dos trabalhos anteriores, observa-se um número pequeno de fones e chama a atenção que seus quadros fonéticos e fonológicos consonantais são quase idênticos. Por sua vez, os quadros fonéticos e fonológicos vocálicos se diferenciam apenas pela presença de uma série de vocóides nasais no primeiro.

Tabela 9
Fones consonantais

	Bilabial	Alveolar	Álveo- palatal	Retro- flexo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p]	[t]				[k]	
Nasal	[m]	[n]			[ɲ]		
Lateral		[l]					
Tepe		[ɾ]					
Fricativa	[β]	[s]	[ʃ]	[ʂ]			[h]
Africada		[ts]	[tʃ]				
Aproxi- mantes	[w]				[j]		

Fonte: Sousa (2004)

²⁷ Segundo Barbosa (2015, 205), o trabalho de Sousa se basesado também em “trabalhos disponíveis sobre o Kaxarari”..

Tabela 10
Quadro dos fonemas consonantais

	Bilabial	Alveolar	Álveo-palatal	Retroflexo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	
Nasal	/m/	/n/			(ɲ?)		
Lateral		/l/					
Tepe		/ɾ/					
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/	/ʂ/			/h/
Africada		/ts/	/tʃ/				
Aproxi-mantes	/w/				/j/		

Fonte: Sousa (2004)

Tabela 11
Fones vocálicos

	Anterior		Central	Posterior	
	[i]	[ĩ]	[ɨ]	[u]	[ũ]
Alta				[o]	
Média					
Baixa			[a]	[ã]	

Fonte: Sousa (2004)

Tabela 12
Quadro dos fonemas vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/ɨ/	/u/
Média			/o/
Baixa		/a/	

Fonte: Sousa (2004)

2.5 Couto (2005)

O trabalho de Couto (2005), ainda que intitulado “Ortografia Kaxarari – uma proposta”²⁸, pode ser considerado o mais completo em termos de fenômenos abrangidos e de fones representados. O trabalho, segundo o próprio autor, é resultado de uma solicitação da “Coordenadora do Núcleo de Educação Indígena da Secretaria de Educação do Estado de Rondônia – SEDUC/RO”. O autor não deixa claro, mas sugere que o trabalho foi validado com professores indígenas Kaxararí. Apesar de algumas representações confusas, em que não se distingue grafemas e fonemas, o autor apresenta uma descrição fonética detalhada, uma análise fonológica, a especificação dos traços distintivos do sistema Kaxararí, alguns processos fonológicos e finaliza com a apresentação de uma proposta de ortografia. Oliveira (2014, 135), ao fazer uma síntese da fonologia Kanamary, considera este o trabalho “mais completo sobre a fonologia da língua” por abordar “detalhes da fonologia da língua”.

Tabela 13
Tabela Consonantal 1²⁹

	Bilab.	Labiod.	Alveol.	Alveo- palat.	Alveopalatal Retroflexa	Pala- tal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p] [b] ³⁰		[t]				[k]	[ʔ]
Nasal	[m]		[n]					
Africada			[ts]	[tʃ]	[tʂ]			
Fricativa	[β]		[s]	[ʃ]	[ʂ]			[h]
Vibrante			[r]					
Lateral			[l]			[ʎ]		
Aproxi- mante	[w]					[j]		

Fonte: Couto (2005)

²⁸ No Acervo Loos, foi possível encontrar uma versão preliminar deste trabalho com comentários de outro linguista dirigidos, aparentemente, a Couto.

²⁹ Seus quadros são apresentados de forma um pouco diferente do convencional e dos demais autores, havendo alguns segmentos que são apresentados em quadros específicos. Mantivemos a organização do autor, dentro do possível.

³⁰ Nas representações em pares, o fone da direita é vozeado (nota de Couto (2005)).

Tabela 14

Tabela Consonantal 2

	Bilabial	Velar
Labializadas	[β ^w]	[k ^w]

Fonte: Couto (2005)

Tabela 15

Tabela Consonantal 3

	Bilabial	Alveolar	Velar
Palatalizadas	[b ^j]	[t ^j] [n ^j]	[k ^j]

Fonte: Couto (2005)

Tabela 16

Tabela Consonantal 4

	Bilabial
Pré-vocalizada	[^ə β]

Fonte: Couto (2005)

Tabela 17

Quadro fonológico³¹

Consoantes

/p/ [p]	/t/ [t]	/tʲ/ [tʲ]	/kʲ/ [kʲ]	/k/ [k] /k ^u / [k ^w]	/ʔ/ [ʔ]
/b/ [b, β, ^ə β, β ^w]					
/bʲ/ [bʲ]					

³¹ Na tabela das consoantes, o autor opta por apresentar os grafemas, mas aqui foram consideradas as equivalências entre grafemas e fonemas que o autor apresenta na sequência de sua tabela. Além da modificação em algumas representações, a consideração dos fonemas leva a pequenas modificações, especialmente na inserção de /k^u/ e /tʃ^j/ na tabela.

/m/ [m]	/n/ [n]	/nʲ/ [nʲ]		
	/s/ [s]	/ʃ/ [ʃ]	/ʂ/ [ʂ]	/h/ [h]
	/ts/ [ts]	/tʃ/ [tʃ]	/tʂ/ [tʂ]	
		/tʃʲ/ [tʃʲ]		
	/r/ [r]			
	/l/ [l, ʎ]			
/w/ [w]	/y/ [j]			

Fonte: Couto (2005)

Tabela 18
Tabela de vogais Orais

Orais	Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechadas	[i]	[ɨ]	[u]
Semi-fechadas	[ɪ]	[ə]	[ʊ] [ʊ:]
Semi-abertas	[ɛ]	[ɐ]	[ɔ]
Aberta		[a] [a:]	

Fonte: Couto (2005)

Tabela 19
Tabela de Vogais Nasalizadas

Orais	Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechadas	[ĩ]	[ɨ̃]	[ũ]
Semi-fechadas	[ĩ]	[ẽ]	[õ]
Semi-abertas	[ẽ]	[ẽ]	[õ]
Aberta		[ã]	

Fonte: Couto (2005)

Tabela 20
Quadro fonológico
Vogais

/i/ [i, ɪ]	ĩ [ĩ, ə]	/u/ [u, ʊ]
/ĩ/ [ĩ, ỹ]	ĩ [ĩ, ɔ]	/u/ [ũ, õ]
	/a/ [a, ɐ]	
	/a/ [ã, ẽ]	

Fonte: Couto (2005)

2.6 Barbosa (2015)

O trabalho é uma revisão bibliográfica de descrições anteriores e visa apresentar uma interpretação da evolução das consoantes líquidas da língua Kaxararí em perspectiva histórica. O trabalho baseia-se sobretudo em Sousa (2004), em Couto (2005) e em Cândido, Ribeiro e Ishy (2009)³². Embora sua interpretação diacrônica não esteja adequada ao método histórico comparativo (Campbell 2020, Kaufman 1990), inclusive com apresentação de palavras que não apresentam correspondência fonológica regular como “cognatos”; o trabalho tem o mérito de trazer uma interpretação mais abstrata do sistema consonantal Kaxararí com base em “Trubetzkoy (1969)” e “Jakobson (2008)”³³.

Tabela 21
Proposta preliminar de sistema fonológico consonantal para a língua Kaxarari

Obstruinte	contínuo	/β/	/s/	/ʃ/	/h/
	descontínuo	/p/	/t/	/tʃ/	/k/
soante nasal		/m/	/n/		
oral	contínuo	/w/	/l/	/j/	
	descontínuo		/ɾ/		

Fonte: Barbosa (2015)

³² Como mencionado na nota 8, não se conseguiu acesso a este trabalho.

³³ Não consideramos esses dois autores nessa análise, apenas citamos as referência do autor.

2.7 Síntese

Na tabela 22, está apresentada a sistematização das correspondências entre os fones assinalados a cada fonema nos diversos trabalhos. No caso de um segmento ser considerado fonema em um trabalho e fone em outro, então ele aparecerá como dois fonemas diferentes na coluna mais à esquerda. Em alguns casos, especialmente nos de Souza (1986) e Silva (1986), a consideração sobre alofonias foi feita pelo autor do presente estudo. Há casos de divergências no interior de um mesmo estudo, sendo necessária uma decisão, mas sempre com alguma observação em nota.

Tabela 22 – Sistematização dos fonemas e das alofonias observadas nas diferentes propostas

	Békšta (1977) ³⁴	Souza e Silva (1986) ³⁵	Cabral e Monserrat (1987)	Sousa (2004)	Couto (2005)	Barbosa (2015)
/p/	[p, ɸ, b, w]	[p]	[p]	[p]	[p]	[p]
/bʲ/	--	--	--	--	[bʲ]	--
/t/	[t, ts]	[t, tʲ]	[t, tʲ]	[t]	[t]	[t]
/tʲ/	--	--	--	--	[tʲ]	--
/k/	[k, t]	[k]	[k]	[k]	[k, kʷ] ³⁶	[k]
/ky/	--	--	--	--	[kʲ]	--
/kʷ/	[kʷ] ³⁷	--	--	--	--	--
/ʔ/	[ʔ]	[ʔ]	[ʔ]	--	[ʔ]	--
/m/	[m]	[m, mʲ]	[m]	[m]	[m]	[m]
/n/	[n, d, ŋ]	[nʲ]	[n]	[n]	[n]	[n]
/ny/	--	--	--	--	[nʲ]	--
/ts/	[ts, tʃ]	[ts]	[ts]	[ts]	[ts]	[ts]

³⁴ Considerou-se todas as alofonias propostas pelo autor mesmo que fosse apresentado apenas um caso de alofonia. Em alguns casos, a atribuição de alofones é feita por mim com base nos dados apresentados por Békšta.

³⁵ Como mencionado anteriormente, os alofones apontados aqui são baseados nos registros de variação nos dados de Souza (1986).

³⁶ Para o autor [kʷ] é resultado da assilabação da sequência /ku/.

³⁷ Para o autor, de fato, trata-se de uma sequência de consoantes e não de um fonema.

/tʃ/	[tʃ, ʃ, tL]	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ]	[tʃ]
/tʂ/	[tʂ]	[tʂ]	[tʂ]	[tʂ]	[tʂ]	[tʂ]
/β/	[β, w, b, p]	[β, °b, b] ³⁸	[β, b]	[β]	[b, β, °β, β ^w]	[β]
/s/	[s, ʃ]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]
/ʃ/	[ʃ]	[ʃ]	[ʃ]	[ʃ]	[ʃ]	[ʃ]
/ʂ/	[ʂ]	[ʂ]	[ʂ]	[ʂ]	[ʂ]	[ʂ]
/h/	[h]	[h, x]	[h]	[h]	[h]	[h]
/r/	[ř, ř] ³⁹	[ř]	[ř, ř ^y]	--	[r]	--
/ɾ/	--	--	--	[ɾ]	--	[ɾ]
/l/	[l, l', d]	[l]	[l, l', l ^y]	[l, Λ]	[l]	[l]
/w/	[w, b, β]	[w]	[w]	[w]	[w]	[w]
/y/	[y]	[y]	[y, j] ⁴⁰	[y, ɲ]	[y]	[y]
/i/	[i, ĭ]	[i, ɪ]	[i]	[i, ĭ]	[i, ɪ]	[i]
/ĩ/	[ĩ]	[ĩ]	[ĩ]	[ĩ]	[ĩ, ĭ]	[ĩ]
/e/	[e, ε]	--	--	--	--	--
/a/	[a, Λ, e]	[a, i]	[a, ε]	[a, â]	[a, e]	[a]
/ã/	[ã]	[ã, ã]	[ã]	--	[ã, ẽ]	[ã]
/i/	[i, ĭ, ẽ, ẽ, ĭ, u]	[i, ẽ, ə, Λ]	[i, ə [^]]	[i, ĭ]	[i, ə]	[i]
/ĩ/	[ĩ, ẽ, ã]	[ĩ]	[ĩ]	--	[ĩ, ẽ]	[ĩ]
/u/	[u, ʊ, ɔ]	[u, o]	[u, w, ʊ, o [^]]	[u, ũ]	[u, ʊ]	[u]
/ũ/	[ũ]	[ũ]	[ũ]	--	[ũ, õ]	[ũ]
/o/	[o]	--	--			

Fonte: elaborado pelo autor.

³⁸ A maior parte dos registros de Souza (1986) são com o fone [b].

³⁹ O autor indica uma alofonia de [ř] ~ [ɾ] ~ [l], mas não atribui os alofones a nenhum fonema específico.

⁴⁰ De fato, as autoras consideram que há um fone [j] que poderia ser analisado tanto como /i/ quanto como /y/ e não apresentam uma análise definitiva.

3. Variação e processos fonológicos

3.1 Alternâncias incluindo segmentos labiais orais

Békšta (1977) observa a flutuação entre [β] ~ [w] e apresenta dados como [hay báyatu] ~ [hay wáyatu] ‘êle olhou’. Observa também a flutuação [b] ~ [w], no dado [búkuřĩ] ~ [wúkuřĩ] ‘mandioca’. Haveria ainda uma flutuação entre [b] ~ [β] ~ [w] no dado [mi bĕněũhũ], [mi βĕněũhũ] e [mi wĕněũhũ] ‘teu filho’. O autor considera que há flutuação entre [b] ~ [p] nos dados [bilí] ‘bola’, e [huwĕpíli] ‘bola de caucho’. Nesse último caso, ao observar os dados, é possível considerar que a variação poderia ser condicionada pela ocorrência da palavra no interior de palavra (em composição) ou em início de palavra, precedida de pausa ou silêncio. Por fim, o autor considera a flutuação [p] ~ [ɸ] ~ [w], no exemplo [kátapu], [kátaɸu] e [kátauw] ‘costas’. Békšta (1977) ainda menciona um fone [f], mas observa que “só se encontra em palavras emprestadas do português”. Para este autor, há apenas um fonema /w/ que tem como alofones [w], [β] e [b], havendo condicionamento de acordo com a vogal antecedente e seguinte. /p/, por sua vez, é considerado um fonema independente. Não há clareza sobre o *status* de [ɸ], mas, por uma menção em sua proposta de ortografia, o autor considera como alofone de [p].

Nos dados de Souza e Silva (1986), não é possível falar claramente em variação, mas chama a atenção a ocorrência de uma consoante [ʔb] oclusiva bilabial sonora prevocalizada no início de palavra (antecedida de silêncio). Esta consoante não é observada no interior de palavras, mas cabe mencionar que a sua contra parte [b] oclusiva bilabial sonora ocorre tanto em início quanto no interior da palavra.

Cabral e Monserrat (1987) afirmam que [b] e [β] “alternam mais ou menos livremente entre distintos falantes” e analisam como se ambos fossem alofones de um mesmo fonema, que as autoras fonemizam como /β/. Sobre outros segmentos labiais mencionados por Békšta (1977) como alternantes, as autoras apenas listam que “contrastam significativamente” e que, portanto, configuram “fonemas diferentes”, são eles /p/ : /β/, /β/ : /w/. Os segmentos /p/, /β/ e /w/ estão também listados em sua tabela de fonemas.

Sousa (2004) não menciona qualquer das variações apresentadas por Békšta (1977), por Cabral e Monserrat (1987) ou ainda por Souza e Silva (1986). Apenas é possível verificar em sua análise que a autora considera /p/, /β/ e /w/ como fonemas distintos e que apresenta pares opositivos entre esses segmentos.

Couto (2005) apresenta 6 fones labiais [p, b, β, w, f, v] em sua tabela, aproximando-se de Békšta (1977). Além desses fones, o autor ainda apresenta consoante labial prevocalizada [ʔβ], consoante labial palatalizada [bʲ] e cosonante bilabial labializada [βʷ]. O autor exclui as formas labiodentais

de sua análise fonológica por considerar que ocorrem em apenas 1 exemplo em variação livre [f] ~ [v] e que este não seria de etimologia Kaxararí, não incluindo estes segmentos nem mesmo como alofones de algum fonema da língua. [b], [β], [ʔβ] e [βʷ] são considerados alofones de /β/. Ele considera [bʲ] como um fonema, o que difere da sugestão em Cabral e Monserrat (1987), para quem segmentos palatalizados poderiam ser uma realização fonética de uma sequência /Ci/, como será visto adiante.

3.2 Palatalização de segmentos consonantais

Souza e Silva (1986) descrevem um único fone [tʲ] como palatalizado. Cabral e Monserrat (1987) é o primeiro trabalho a considerar um processo mais generalizado de palatalização de consoantes, registrando [tʲ], [mʲ], [nʲ], [ɲʲ], [lʲ] e [kʲ] e observando que o primeiro desses fones é o “mais frequente”. As autoras comentam a possibilidade de considerá-los como uma série de fonemas palatalizados, mas observam a ausência do contraste /CiV/ : /Ci/ e sugerem que “[Cʲ] seria a realização fonética de /Ci/ ou /Cy/. Couto (2005) é o único autor a considerar um processo de palatalização após Cabral e Monserrat (1987). No entanto, ele considera que há uma série de consoantes palatalizadas, foneticamente [bʲ], [tʲ], [nʲ], [tʃʲ]⁴¹ e [kʲ], as quais ele representa fonologicamente como /bʲ/, /tʲ/, /nʲ/, /tʃʲ/, /kʲ/⁴². Couto (2005) não observa uma lateral palatalizada, mas descreve uma lateral palatal [ʎ] como alofone de /l/.

3.3 Neutralização de fricativas e africadas

Békšta (1977) enumera um conjunto de fenômenos de variação que envolvem fricativas e africadas que são consideradas fonemas inclusive por ele mesmo. Segundo esse autor, [s] ~ [ʃ], em [súwě] ~ [ʃúwě] ‘menino’; [t] ~ [ts], em [tapě] ~ [tsapě] ‘anzol’; [ts] ~ [tʃ], em [ětsasíkatʃá] ~ [ětʃasíkatʃa] ‘eu quero comer’ ou ‘eu estou com fome’ e em [tsáwěta] ~ [tʃawěta] ‘dois’; [ʃ] ~ [tʃ], em [ʃafú] ~ [tʃafú] ‘pedra’ e em [ʃampě] ~ [tʃampě] ‘mulher’; [tL] ~ [tʃ], em [áwatʃa] ~ [áwatLa] ~ [awátLa] ~ [awatʃá] ‘anta’. Não obstante a observação das flutuações, o mesmo autor considera que /s/, /ʃ/, /ts/, /tʃ/ e /t/

⁴¹ De fato, este fone não aparece em seu quadro fonológico e nem em sua tabela de palatalizadas, mas aparece em sua lista de grafemas e correspondências com fonemas e fones.

⁴² No quadro fonológico, ele usa as suas representações ortográficas que são /by/ [bʲ], /ty/ [tʲ], /ny/ [nʲ], /jy/ [ʎʲ], [txy] [tʃʲ], /ky/ [kʲ]. O autor mesmo aclara que usa os símbolos grafemáticos como representação dos fonemas. No entanto, isso sugere que, em sua análise, [ʃ] e [tʃ] seriam segmentos resultantes de palatalização. Por outro lado, em sua lista de correspondência entre grafemas e fonemas, o autor apresenta um fonem /tʃʲ/ e um fonema /tʃ/, o que sugere a existência de segmentos africados palatalizados e não palatalizados.

são fonemas distintos, sendo que os únicos elementos que realmente estariam em variação livre seriam [tL] ~ [tʃ]. O único outro autor a mencionar algo semelhante é Couto (2005) ao propor que ocorre na língua um fenômeno de “neutralização de fricativas”. No entanto, a observação atenta dos fenômenos descritos e dos dados mostra que tratam-se de fenômenos distintos. No caso de Couto (2005), o autor considera apenas que não há ocorrência de [ʃ] e [tʃ] diante de [i] e de [ʃ] e [tʃ] diante de [i].

3.4 Espraimento de nasalidade

Békšta (1977) observa que os sons vocálicos se opõem pelo traço de nasalidade e apresenta o seguinte par mínimo: ‘ouvir’ /ka-/ : /kã-/ ‘andar’. No entanto, ele também observa que “os contóides nasais ou vocóides nasalizados modificam as sílabas vizinhas”. Ao fazê-lo, o autor então estabelece que há espraimento de nasalidade no nível fonético nessa língua e que este pode ocorrer tanto progressivamente quanto regressivamente. Sousa (2004) assume que há um suprasegmento nasal na língua Kaxarari e não apresenta como fonológico nenhuma vogal nasal. Não há informação clara sobre a ocorrência de espraimento de nasalidade.

3.5 Inserção de oclusiva glotal

Békšta (1977) também considera que, além do fonema consonantal oclusivo glotal, há uma inserção deste segmento quando “numa sequência de duas palavras em que uma termina com vogal e outra inicia com vogal”, mas o autor não apresenta análise conclusiva para essa questão.

3.6 A análise de [kʷ]

Uma discussão que merece atenção é o *status* fonológico da sequência fonética /kʷ/. Para Békšta (1977), trata-se da realização de uma sequência consonantal /k/+w/. Para Couto (2005), a sequência [kw] seria o resultado de uma assilabação de /u/ e, portanto, a sequência /k/+u/ > [kʷ].

3.7 Enfraquecimento de segmentos

Sousa (2004) descreve um fenômeno de perda de vozeamento de vogais quando antecedidas de [h] e apresenta os seguintes exemplos:

[pu'tsaḥi] ‘voar’
[mi'fujahḥi] ‘matar (animal)’
[mo'lohḥi] ‘dançar’

Békšta (1977) também fala sobre “vocóides brevíssimos, omitidos ou surdos”. Embora não trate exatamente do mesmo fenômeno e nem o descreva da mesma forma, sugere que, em sua análise, também haveria

ensurdecimento. Nas transcrições de Souza (1986) e na análise de Silva (1986), a alternância [ʃumɪ'tsa] ~ [ʃum'tsa] ‘casa’ também sugerem elisão de segmento vocálico, o que estaria de acordo com a análise mais abrangente de Békšta (1977).

3.8 Acento

Para Békšta (1977), o acento em Kaxararí é “instável” e pode “mudar de lugar numa palavra sem lhe alterar o sentido”. Ele levanta hipóteses interessantes que, até onde sabemos, nenhum outro autor aprofundou até o presente. Especialmente, ele considera que “não foi ainda verificada qual é a causa dessa mobilidade: se há morfemas com acento fixo que exigem modificação de acentos móveis, se há ritmo da frase que exige mudança de acentos de palavras.”. O autor então apresenta os seguintes exemplos:

/tʃawěta máylu/	‘dois peixes’
/tʃawěta maylú ěʔinawě/	‘dê dois peixes para mim’
/máylu ěʔinawě/	‘dê peixe para mim’
/maylú ěʔinawě/	‘dê peixe para mim’ (Békšta, 1977)

Os exemplos de Souza (1986) apresentam, pelo menos, um par mínimo com contraste de acento, o que permite a Silva (1986) apresentar os seguintes exemplos evidenciando acentos na sílaba inicial⁴³ e final⁴⁴ da palavra Kaxararí:

- | | | |
|------|-------------|---------------------------------------|
| 52. | ['mitsisi] | ‘unha’ (de vocês)’ |
| 19. | ['waka] | ‘planta igual timbó’ (tingui?) (Cipó) |
| 46. | ['atya] | ‘irmão mais velho’ (primo) |
| 90. | ['pitsu] | ‘peixe-agulha’ |
| 18. | [wa 'ka] | ‘água’ |
| 8. | [ʃibu 'lu] | ‘queixada’ |
| 53. | [ta 'i] | ‘pé’ |
| 12d. | [ʃi 'pi] | ‘suim’ (macaco) |

Importante ressaltar que há exemplo de acento na sílaba mais à direita mesmo em uma palavra trissilábica, caso de ['mitsisi] ‘unha’ (de vocês)’⁴⁵.

Cabral e Monserrat (1987) são as primeiras a estabelecerem de forma clara e inequívoca que analisam o acento como “intensidade”, mas, segundo

⁴³ Nesse caso, mais à esquerda.

⁴⁴ Nesse caso, mais à direita.

⁴⁵ A glosa deve estar equivocada, pois o mi- deve ser um prefixo parte do corpo e o o autor erroneamente interpreta como a 2ª pessoa do singular.

as autoras, “dependendo do falante e da velocidade do enunciado, esse acento pode ocorrer: na penúltima e na última; na antepenúltima e na última”. As observações estão parcialmente de acordo com os autores anteriores, especialmente com Békšta (1977), mas destoam de Souza (1986) e de Silva (1986) por considerarem que “não foi possível estabelecer contraste distintivo entre pares de palavras com base no acento de intensidade”.

Couto é o único autor a considerar a existência de dois tons, um alto e um baixo, mas observa que “o tom alto parece acompanhar a sílaba tônica”. Suas observações concordam com as observações de Békšta (1977) e de Cabral e Monserrat (1987) sobre o acento ser flutuante. Concorde também com Sousa (1986) e com Silva (1986) ao considerar que há pares mínimos que contrastam pelo acento. Nas palavras de Couto (2015, 26):

A pronúncia da palavra isolada tem uma entonação diferente da palavra numa frase, onde a prosódia do grupo rítmico parece determinar o padrão de acentuação de cada vocábulo.

Em relação às palavras isoladas, há pares mínimos demonstrando contraste de intensidade, alterando seus significados. Estudos posteriores se fazem necessários a fim de verificar como esse padrão acentual se encaixa num contexto mais amplo quando se impõem as regras no nível de contorno. Igualmente, estudos futuros serão precisos em relação aos tons.

3.9 Sílaba

Para Békšta (1977), a sílaba mais frequente é CV, mas o autor também observa a ocorrência de sílabas V, VC e CVC. Manifesta ainda dúvidas quanto a representação de /wɪspi/ ‘um’ e considera que [sp] poderia formar uma sequência em *onset* silábico, o que levaria a considerar o tipo silábico CCV, nessa língua, o mesmo valendo para /k^w/, como visto anteriormente. O autor estende essa análise às africadas /ts/ e /tʃ/ e considera que poderia haver ainda o tipo silábico CCVC. Considera ainda uma sequência duvidosa CVCC em /ʔáyn.pi ʃu.βi/ ‘moça, não casadoura’. Pelas anotações de Silva (1986), é possível distinguir os padrões silábicos V, CV, VC e CVC. Embora não se trate de uma análise, as representações são claras e há exemplos que atestam os padrões estabelecidos. Cabral e Monserrat (1987) consideram que os padrões são V, CV e CVC. Curiosamente, o padrão VC não é registrado nesse trabalho. As autoras consideram /ts/, /tʃ/ como unidades fonológicas, mas não parecem haver registrado palavras com a sequência /kw/ e, portanto, não há observação sobre o status desse segmento. Sousa (2004) também considera que os padrões acentuais são V, CV, VC, CVC e acrescenta que “todos os padrões ocorrem tanto em posição átona quanto em posição tônica”. Assim como Békšta (1977), Couto (2005) considera

que o padrão CV é o mais recorrente, mas observa também os padrões V, VC, CVC. Os glides em *onset* são considerados por esse autor como padrão CV, mas os glides não ocorreriam na posição de coda.

3.10 Redução silábica

Um fenômeno importante observado por Couto (2005) é o que ele denomina como “redução silábica”. Os dados apresentados pelo autor são divididos em três grupos, conforme reproduzido abaixo:

a) Queda da última sílaba da palavra

[nima'nu]	[ni'maØ]	‘embaixo’
[ʃaba'ka]	[ʃa'baØ]	‘tipo de envireira’
[kuna'lə]	[ku'nalØ]	‘seringueira’
[awa'tʃa]	[a'waØ]	‘anta’

b) Queda da última vogal da sílaba

[pana'la]	[pa'nalØ]	‘açai’
-----------	-----------	--------

c) Queda da consoante da última sílaba

[binu'ni]	[bi'nuØi]	‘buriti’
-----------	-----------	----------

Fenômenos semelhantes aos do grupo a) e b) (que poderiam, de fato, serem reduzidos a apenas um grupo) são bastante comuns em outras línguas da família Pano (cf. Oliveira, 2014). A estes dados de Couto (2005) é importante adicionar o dado de Souza (1986) que apresenta a flutuação [kapi'ti oba'tʃi] ~ [kapi ba'tʃi] ‘o ovo do jacaré’. Além disso, Silva (1986) trata a variação [ba'tʃi] ‘sol’ e [batʃi'la] ‘calor, suor’ como um processo de formação de palavra.

3.11 Harmonia vocálica

Couto (2005) considera que a formação de pronomes livres é resultado de inserção de um formativo /hV/ cuja vogal é determinada pela qualidade da vogal da base a qual este formativo se adiciona, como pode ser visto nos dados que reproduzimos aqui:

i-hi	‘eu’
mi-hi	‘você’
ha-ha	‘ele, ela’
lu-hu	‘nós’

3.12 Síntese dos fenômenos

Embora não se trate de uma lista exaustiva dos fenômenos descritos pelos diversos autores⁴⁶, espera-se ter resumido alguns fenômenos que possam ser de interesse para os panoístas e para as pesquisas futuras. De forma a resumir os fenômenos discutidos nessa seção, apresenta-se a tabela 23.

Tabela 23 – Resumo dos fenômenos descritos

	Békšta (1977) ⁴⁷	Souza e Silva (1986) ⁴⁸	Cabral e Montserrat (1987)	Sousa (2004)	Couto (2005)	Barbosa (2015)
Alofonias entre labiais	+	+	+	–	+	–
Palatalização	+	+	+	–	+	–
Neutralização de fricativas e africadas	+	–	–	–	+	–
Ensurdecimento vocálico	+	–	–	+	–	–
[k ^w]	+	–	–	–	+	–
Inserção de oclusiva glotal [ʔ]	+	–	–	–	–	–
Espraiamento de nasalidade	+	–	–	+	–	–
Acento flutuante	+	–	+	–	+	–
Acento de intensidade	–	–	+	+	+	–
Tom	–	–	–	–	+	–
Contraste de acento	+	+	–	+	+	–
Harmonia vocálica	–	–	–	–	+	–

Fonte: elaborado pelo autor.

⁴⁶ Por exemplo, flutuações como [k] ~ [t], [l] ~ [d], [l] ~ [l̥] e [y] ~ [n], registradas em Békšta, não foram consideradas no trabalho por parecerem irrelevantes para o sistema ou apenas ocorrências marginais, considerando que muitas delas ocorrem entre fonemas estabelecidos pelo mesmo autor. Pesou também o fato de não terem sido registradas em outros autores.

⁴⁷ Considerou-se todas as alofonias propostas pelo autor mesmo que fosse apresentado apenas um caso de alofonia. Em alguns casos, a atribuição de alofones é feita por mim com base nos dados apresentados por Békšta.

⁴⁸ Como mencionado anteriormente, os alofones apontados aqui são baseados nos registros de variação nos dados de Souza (1986).

4. Considerações finais

Realizada uma descrição básica e uma breve comparação de alguns aspectos dos trabalhos sobre fonética e fonologia da língua Kaxararí, é possível ver que há ainda muito trabalho por fazer.

O cotejo do conjunto dos trabalhos permite levantar hipóteses interessantes para futuras pesquisas que poderiam explorar aspectos como a palatalização, o acento (incluindo seu correlato fonético), algumas alofonias observadas por autores anteriores, a extensão da harmonia vocálica (especialmente, se não ocorre em outros ambientes), a extensão da redução silábica e seus condicionamentos, etc. Sobre a contribuição de Cabral e Monserrat (1987), este foi o primeiro trabalho a: a) estabelecer de forma inequívoca um conjunto de fonemas segmentais para a língua Kaxararí, b) assinalar a intensidade como correlato do acento; c) observar um processo de palatalização e não apenas segmentos individuais palatalizados.

Em todo caso, cabe também observar que não se trata de um trabalho voltado ao público acadêmico e que, por esse motivo, apresenta também limitações, mas que não comprometem seus méritos. Sobre o entendimento da realização fonética de fonemas da língua Kaxararí, pode-se afirmar que Cabral e Monserrat (1987) permitem maior entendimento que trabalhos posteriores como Sousa (2004) e Barbosa (2015). Por outro lado, ainda que tenham limitações metodológicas, cabe também ressaltar a importância das informações observadas em Sousa (1986) e Silva (1986) e, sobretudo, em Békšta (1977).

Por fim, encerra-se o trabalho com a expectativa de haver contribuído para o entendimento do estado atual de conhecimento sobre a fonética e a fonologia da língua Kaxararí.

Referências

- Barbosa, R. A. O. 2015. “Uma proposta preliminar de sistema consonantal para a língua Kaxarari (Pano). In: *Estudos Linguísticos*, 44(1). São Paulo. 202-216pp.
- Békšta, Pe. C. 1977 (ms). *Kašarari*. Subsídios para a alfabetização na língua tribal: situação dos falantes Kašarari. Pesquisa fonética-fonológica. Sugestão: cartilha e leituras. Porto Velho. 38p.
- Cabral, A. S. A. C. 1987 (ms). “Atualização léxico-semântica de línguas indígenas. Documentação da língua Kaxarari”. Relatório CNPq/FNPM. Brasília, DF: Ministério da Cultura.
- Campbell, L. R. 2020. *Historical linguistics: an introduction*, 4ª ed. Edinburgh: Edinburgh University Press,

- Couto, A. *Ortografia Kaxarari: uma proposta*. Porto Velho, 2005. (versão eletrônica)
- Fleck, D. W. 2013. *Panoan languages and linguistics*. New York: American Museum of Natural History.
- Kaufman, T. 1990. “Language History in South America: What we Know and how to know more”. In: Payne, D. L. (ed.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas Press.
- Lanes, E. J. 2005. *Aspectos da mudança lingüística em um conjunto de línguas Amazônicas: as línguas Pano*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 334p.
- _____. Mudança fonológica em línguas da família Pano. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Programa de Pós-graduação em Lingüística/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000. 220p.
- Oliveira, S.C. S. de. 2023. “las primeras escisiones de la familia pano: una propuesta de subagrupamiento en una familia de la amazonia occidental”. In: *International Journal of American Linguistics (IJAL)*, vol. 89, N 3. Chicago: The University of Chicago Press Journals. 289-331pp.
- _____. 2014. Contribuições para a reconstrução do ProtoPano. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.
- Silva, M. L. da. 1986 (ms). “Levantamento estatístico da população Kaxarari”.
- Sousa, G. C. 2004. *Aspectos da fonologia da lingual Kaxarari*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Souza, I. C. de. 1986 (ms). “Língua: Kaxarari (família Pano)”.
- Valenzuela, P.; Guillaume, A. 2017. Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana: una introducción. *Amerindia* 39(1):1–49.
- Valenzuela, P.; Zariquiey, R. 2023. “Language classification in western Amazonia: advances in favor of the Pano-Takana hypothesis. In: *LIAMES*, v. 23, N. 2. Campinas: Unicamp. 1-53pp. <https://doi.org/10.20396/liames.v23i00.8670150>.
- Zariquiey, R., Vera J., Greenhill S. J., Valenzuela P., Gray R. D., List J-M. 2022. Untangling the evolution of body-part terminology in Pano: conservative versus innovative traits in body-part lexicalization. *Interface Focus* 13: 20220053. <https://doi.org/10.1098/rsfs.2022.0053>.

Ministério da Cultura
Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Fundação Nacional próMemória

RELATÓRIO CNPq / FNP M

Atualização léxico-semântica de línguas indígenas. Documentação da língua Kaxarari

De 05 a 29 de agosto de 1987, realizamos viagem de campo às aldeias Kaxarari (RO) e Katukina (AC).

1. A partida de Rio Branco (Acre) para a aldeia Kaxarari do Rio Azul, na Rondônia tomou-nos dois dias e meio, dois deles a pé e a volta, outro tanto. Permanecemos na aldeia 7 dias. Foram gravadas 4 fitas com material lexical e sintático, com o concomitante registro escrito. Vários informantes se dispuseram a ajudar-nos nessa primeira etapa de documentação da língua: Kaibu (o velho chefe), duas jovens adolescentes e uma mulher adulta, o professor Miguel, e mais três homens. Esses mesmos informantes nos forneceram os dados sobre os neologismos recentes na língua.

1.1. O estudo preliminar do material coletado e das impressões e observações de campo permitem apresentar o seguinte quadro fonético da estrutura fonológica dessa língua Pano :

QUADRO DOS CONTÓIDES

	labiais	alveo-dentais	palatais	velares	faringais
oclus.	p	t t ^v		k k ^y	ʔ
afric.		tʃ	tʃ tʃ ^y		
fricat.	ɸ ɸ ^y	s	ʃ ʃ ^y		h
	m m ^y	n n ^y			
	ɰ (w)		ɰ (y)		
flaps		ɾ ɾ ^y			
lat.		l l ^y			

próMemóriaQUADRO DOS VOCÓIDES

	anter.	centr.	post.
altas	i	ɨ	u o
médias		ə¹	o¹
baixas	ɛ	a	

NASAIS

ĩ	ĩ	ũ
	ã	

Os procedimentos preliminares para evidenciar oposição fonêmica ou distribuição complementar entre segmentos foneticamente semelhantes mostram que:

1. [b̥] e [b] alternam mais ou menos livremente entre distintos falantes, formando uma única unidade fonológica /b/
2. [ɛ] e [a] estão em distribuição complementar, - o primeiro só ocorrendo após contóide palatizado - formando uma única unidade fonol /a/
3. [u] é melhor interpretado como /w/
4. [u] [v] [o¹] alternam livremente, alguns falantes realizando-o mais baixo, outros mais altos, sem chegar nunca a [o]; formam, portanto, um único fonema /u/
5. [ɨ] e [ə¹] alternam livremente entre distintos falantes, integrando o fonema /ɨ/
6. há contraste fonêmico entre vogais orais e nasais
7. [l̥] e [l] estão em distribuição complementar, - o primeiro só ocorrendo antes de [i] - formando uma unidade fonológica /l/
8. os seguintes pares de segmentos foneticamente semelhantes contrastam significativamente, configurando fonemas diferentes:
/p/ /b/; /b̥/ /w/; /t/ /tʰ/; /t̥/ /t̥ʰ/; /t̥ʰ/ /t̥ʰ/; /t̥ʰ/ /t̥ʰ/; /k/ /g/; /s/ /s̃/; /s̃/ /s̃/; /s̃/ /s̃/; /s̃/ /s̃/; /s̃/ /s̃/; /t̥ʰ/ /t̥ʰ/
9. não está clara, ainda, a melhor interpretação para [i̥]: /ɨ/ ou /l̥/ (?)

próMemória

10. não está definido, até o momento, qual o melhor tratamento descritivo para os contôides palatalizados: t^y (o mais frequente) m^y, n^y, r^y, l^y, k^y a primeira hipótese, de considerá-los como série de fonemas palatalizados, com base em contrastes distintivos com os respectivos segmentos homorgânicos não palatalizados, apresenta no entanto, pontos de dúvida, na medida em que esses segmentos não contrastam (aparentemente) com sequências do tipo CiV ou Cj^yV tal fato, se comprovado, permitiria formular a hipótese de que $[C^y]$ seria a realização fonética de $/Ci/$ ou $/Cy/$

Com base nessas considerações, apresentamos o seguinte quadro fonológico preliminar da língua Kaxarari da aldeia de Rio Azul (RO):

CONSOANTES

	lab.	alveo-dent.	palatais	vel.	faring.
oclus.	p	t		k	ʔ
afric.		ts	tʃ tʃ̥		
fricat.	b	s	ʃ ʃ̥		h
nas.	m	n			
glides	w		ʔ y		
flaps		r			
latinais		l			

VOGAIS ORAIS

	- posterior.	+ posterior.
+altas	i	u
-altas	ɪ	ə

VOGAIS NASAIS

ĩ	ũ
ɨ̃	ə̃

próMemória

Durante o mês de agosto de 1987 foi realizada mais uma etapa do levantamento de dados léxico-semânticos das línguas Kaxinawá, Jamináwa, Kaxarari e Katukina faladas respectivamente no Purus, no Yáco, em Poço Azul e no Campinas.

Em Rio Branco:

Foi estabelecido contato entre as pesquisadoras e cinco professores índios bilingües. Quatro desses professores são do grupo Kaxinawá e um é do grupo Jamináwa.

Durante dois dias intensivos trabalhou-se com os professores no sentido de orientá-los quanto ao preenchimento dos cadernos-formulário a ser realizado por eles, nas aldeias, durante os meses de setembro, outubro e novembro do corrente ano.

Nos cadernos-formulário deverão ser registradas as "novas palavras" empregadas pelos indígenas no exercício do vernáculo, seu (ou seus) significado (s) e o que se sabe da história dessas palavras.

Posteriormente serão realizadas gravações em fita cassete para que se tenha a transcrição fonética do material levantado, bem como para que se analise a ocorrência dessas palavras no nível dos eventos de fala.

Em Poço Azul e no Campinas:

1. Foi ampliado o material que havíamos coletado em março último sobre os empréstimos e neologismos oriundas do português, em decorrência do contato interétnico;

2. As palavras coletadas foram transcritas foneticamente. No caso dos empréstimos e neologismos identificados na língua Kaxarari a transcrição ocorreu paralelamente ao trabalho de análise fonológica da língua em questão.

próMemória

Fase atual da pesquisa

Os dados coletados estão sendo analisados, tendo em vista a decodificação dos diferentes processos neológicos existentes nas línguas indígenas objeto do nosso trabalho.

No momento atual da pesquisa já podemos constatar que ocorre nessas línguas:

1. Neologia de significado:

a) quando a neologia implica um corte nas combinações sintáticas regulares:

no nível do sintagma:

- Língua Katukina 1. *tešʉ* "pescoço de gente"
 2. *mūdi tešʉ* "gargalo"

b) quando uma transformação no nível do referente pode provocar uma mudança de significado:

1. *maʼtsuʔi* "vassoura tradicional"
 "vassoura industrializada"
2. *teweti* "ornamentos tradicionais próprios para o pescoço"
 "colar"

2. Neologia de forma

Com a sufixação no nominalizador:

Em Jamináwa

Tapi "raiz do verbo saber" + bis "aquele que

3. Empréstimos

3.1. Eles designam de modo geral um objeto ou uma experiência na decorrente da situação de contato interétnico:

Português	Kaxararí	Português	Kaxararí
"limão"	/limú/	"cinturão"	/sítu rã/
"seringa"	/širĩka/	"agulha"	/akulã/
"farinha"	/parĩnʔa/		

próMemória

1

Quanto à estrutura silábica, os padrões mais habituais são os seguintes: V, CV, CVC, com restrição de ocorrência de consoantes em final de palavra.

Não há fenômenos suprasegmentais além do acento de intensidade, que parece apontar para uma certa complexidade ainda não entendida claramente: dependendo do falante e da velocidade do enunciado, esse acento pode ocorrer: na última sílaba; na penúltima e na última; na antepenúltima e na última. Não foi possível estabelecer contraste distintivo entre pares de palavras com base no acento de intensidade.

A frequência dos segmentos, por ordem decrescente, é a seguinte:

$k, l, m, b, t, \xi, n, n^y, l^y, m^y, k^y, r^y$

1.2. Quanto à atualização e Normatização Léxico-Semântica de Línguas indígenas:

O levantamento de dados léxico-semânticos, que atestam mudanças lexicais das línguas indígenas da família linguística Pano-faladas no estado do Acre e no noroeste de Rondônia - teve início no ano de 1987.

O objetivo central do levantamento em fase de realização é a coleta de dados quantitativa e qualitativamente suficientes para que se proceda a uma análise sistemática dos traços gerais das mudanças lexicais em processo nas línguas nativas, faladas pelos indígenas acima mencionados.

Os resultados da análise deverão por um lado revelar o estágio atual de aquisição do português pelos índios e, sobretudo, esclarecer os mecanismos através dos quais a língua importadora adapta à sua fisionomia morfo-fonêmica o vocabulário emprestado e, ainda, como e quando a mesma língua traduz os significados estrangeiros.

Esses resultados forneceram subsídios para uma ação político-pedagógica que oriente a normatização das línguas indígenas, visando o seu fortalecimento e continuidade.

próMemória

Observação: O levantamento dos dados do projeto, em fase de realização terá continuidade em dezembro próximo por ocasião da 5ª etapa do curso de formação dos professores índios do Acre.

Segue em anexo cópia de parte do material já coletado.

2. No dia 15 seguimos de Rio Branco para Cruzeiro do Sul e daí, no dia seguinte, para a aldeia Katukina do *Campirinas*. Ali permanecemos por apenas 4 dias, devido ao necessário afastamento dos nossos informantes - professores - para participarem em um Encontro Regional de lideranças indígenas. De volta a Cruzeiro do Sul, de mos prosseguimento ao trabalho de análise inicial da língua Kaxarari, e iniciamos o cotejo do material referente aos neologismos que havíamos coletado junto aos Kaxarari e Katukina, acrescidos pelas informações de que já dispunhamos, em decorrência do questionário de neologismos preenchido em Rio Branco, durante o IV Curso de Formação de Professores Índios, em março de 87 (ver anexos 1 e 2).

Tivemos então a oportunidade - não prevista no projeto, mas de rara felicidade para a documentação de línguas indígenas brasileiras - de travar contato com dois velhos líderes (irmãos) das duas únicas comunidades Arara existentes, e de gravar duas fitas com material lexical, narrativas e cantos na língua por eles falada. Trata-se da língua Xarandáwa (que significa "arara"), da família Pano, não mencionada quando se fala em línguas Pano. O material, gravado e registrado por escrito, está à disposição de quem desejar iniciar pesquisa e ulterior documentação dessa língua, aparentemente em estágio de abandono por parte dos falantes mais jovens.

Brasília-DF, de de 1987.

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral Rute Monserrat
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral Rute Monserrat

Relatório CNPq/FNPM

Atualização léxico-semântica de línguas indígenas.
Documentação da língua Kaxarari.

De 05 a 29 de agosto de 1987, realizamos viagem de campo às aldeias Kaxarari (RO) e Katukina (AC).

A partida de Rio Branco (Acre) para a aldeia Kaxarari do Rio Azul, na Rondônia tomou-nos dois dias e meio, dois deles a pé a volta, outro tanto. Permanecemos na aldeia 7 dias. Foram gravadas 4 fitas com material lexical e sintático, com o concomitante registro escrito. Vários informantes se dispuseram a ajudar-nos nessa primeira etapa de documentação da língua: Kaibu (o velho chefe), duas jovens adolescentes e uma mulher adulta, o professor Miguel, e mais três homens. Esses mesmos informantes nos forneceram os dados sobre os neologismos recentes na língua.

O estudo preliminar do material coletado e das impressões e observações de campo permitem apresentar o seguinte quadro fonético da estrutura fonológica dessa língua Pano:

QUADRO DOS CONTÓIDES

	labiais	alveo-dentais	palatais	velares	faringais
oclus.	p	t tʷ		k kʷ	ʔ
afric.		ts	tʃ tʃʷ		
fricat.	ʙf β		ʃ ʃʷ		h
	m mʷ	n nʷ			
	ɰ (w)		ɰ (y)		
flaps		ɾ ɾʷ			
lat.		l lʷ			

QUADRO DOS VOCÓIDES

	ant.	centr.	post.	NASAIS		
altas	i	ɨ	u o			
médias		ə^	o^	ĩ	ĩ	ũ
baixas	ɛ	a			ã	

Os procedimentos preliminares para evidenciar oposição fonêmica ou distribuição complementar entre segmentos foneticamente semelhantes mostram que:

1. [ʰf] e [β] alternam mais ou menos livremente entre distintos falantes, formando uma única unidade fonológica /β/
2. [ɛ] e [a] estão em distribuição complementar, - o primeiro só ocorrendo após contóide palatalizado – formando uma única unidade fonol /a/
3. [u] é melhor interpretado como /w/
4. [u] [ʊ] e [o^] alternam livremente, alguns falantes realizando-o mais baixo, outros mais altos, sem chegar nunca a [o]; formam, portanto, um único fonema /u/
5. [i] e [ɨ] alternam livremente entre distintos falantes, integrando o fonema /i/
6. há contraste fonêmico entre vogais orais e nasais
7. [l] e [ɭ] estão em distribuição complementar, - o primeiro só ocorrendo antes de [i] – formando uma unidade fonológica /l/
8. os seguintes pares de segmentos foneticamente semelhantes contrastam significativamente, configurando fonemas diferentes:
/p/ /β/; /β/ /w/; /t/ /ts/; /tʃ/ /tʃ̣/; /ts/ /tʃ̣/; /k/ /ʔ/; /s/ /ts/; /ʃ/ /ʃ̣/; /s/ /ʃ̣/; /x/ /l/
9. Não está clara, ainda, a melhor interpretação para [ɨ]: /y/ ou /i/ (?)

Não está definido, até o momento, qual o melhor tratamento descritivo para os contóides palatalizados: tʲ (o mais frequente), my, ny, ry, ly, ky a primeira hipótese, de considerá-los como série de fonemas palatalizados, com base em contrastes distintivos com os respectivos segmentos homorgânicos não palatalizados, apresenta no entanto, pontos de dúvida, na medida em que esses segmentos não contrastam (aparentemente) com sequências do tipo CiV ou CɿV tal fato, se comprovado, permitiria formular a hipótese de que [Cʲ] seria a realização fonética de /Ci/ ou /Cy/

Com base nessas considerações, apresentamos o seguinte quadro fonológico preliminar da língua Kaxarari da aldeia de Rio Azul (RO):

CONSOANTES

	lab.	alveo-dent.	palatais	vel.	faring.
oclus.	p	t		k	ʔ
afric.		ts	tʃ tʃ̣		
fricat.	β	s	ʃ ʃ̣		h
nas.	m	n			
glides	w		ʔ y		
flaps		r			
laterais		l			

VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS	
	-posterior	+posterior	ĩ	ũ
+ altas	ĩ	u	ṛ	ã
- altas	ĩ	a		

Quanto à estrutura silábica, os padrões mais habituais são os seguintes: V, CV, CVC, com restrição de ocorrência de consoantes em final de palavra.

Não há fenômenos suprasegmentais além do acento de intensidade, que parece apontar para uma certa complexidade ainda não entendida claramente: dependendo do falante e da velocidade do enunciado, esse acento pode ocorrer: na última sílaba, na penúltima e na última; na antepenúltima e na última. Não foi possível estabelecer contraste distintivo entre pares de palavras com base no acento de intensidade.

A frequência dos segmentos, por ordem decrescente, é a seguinte:

k, l, m, n, β, t, ʂ, n, nʸ, lʸ, mʸ, kʸ, rʸ.

Quanto à atualização e Normatização Léxico-Semântica de Línguas indígenas:

O levantamento de dados léxico-semânticos, que atestam mudanças lexicais das línguas indígenas da família linguística Pano-faladas no estado do Acre e no noroeste de Rondônia – teve início no ano de 1987.

O objetivo central do levantamento em fase de realização é a coleta de dados quantitativa e qualitativamente suficientes para que se proceda a uma análise sistemática dos traços gerais das mudanças lexicais em processo nas línguas nativas, faladas pelos indígenas acima mencionados.

Os resultados da análise deverão por um lado revelar o estágio atual de aquisição do português pelos índios e, sobretudo, esclarecer os mecanismos através dos quais a língua importadora adapta à sua fisionomia morfo-fonêmica o vocabulário emprestado e, ainda, como e quando a mesma língua traduz os significados estrangeiros.

Esses resultados forneceram subsídios para uma ação político-pedagógica que oriente a normatização das línguas indígenas, visando o seu fortalecimento e continuidade.

Durante o mês de agosto de 1987 foi realizada mais uma etapa do levantamento de dados léxico-semânticos das línguas Kaxinawá, Jamináwa, Kaxarari e Katukina faladas respectivamente no Purus, no Yaco, em Poço Azul e no Campinas.

Em Rio Branco

Foi estabelecido contato entre as pesquisadoras e cinco professores índios bilíngues. Quatro desses professores são do grupo Kaxinawá e um é

do grupo Jamináwa.

Durante dois dias intensivos trabalhou-se com os professores no sentido de orientá-los quanto ao preenchimento dos cadernos-formulário a ser realizado por eles, nas aldeias, durante os meses de setembro, outubro e novembro do corrente ano.

Nos cadernos-formulário deverão ser registradas as “novas palavras” empregadas pelos indígenas no exercício do vernáculo, bem como para que se analise a ocorrência dessas palavras no nível dos eventos de fala.

Posteriormente serão realizadas gravações em fita cassete para que se tenha a transcrição fonética do material levantado, bem como para que se analise a ocorrência dessas palavras no nível dos eventos de fala.

Em Poço Azul e no Campinas

Foi ampliado o material que havíamos coletado em março último sobre os empréstimos e neologismos oriundas do português, em decorrência do contato interétnico;

As palavras coletadas foram transcritas foneticamente. No caso dos empréstimos e neologismos identificados na língua Kaxarari a transcrição ocorreu paralelamente ao trabalho de análise fonológica da língua em questão.

Fase atual da pesquisa

Os dados coletados estão sendo analisados, tendo em vista a decodificação dos diferentes processos neológicos existentes nas línguas indígenas objeto do nosso trabalho.

No momento atual da pesquisa já podemos constatar que ocorre nessas línguas:

1. Neologia de significado

a) quando a neologia implica um corte nas combinações sintáticas regulares: no nível do sintagma:

Língua Katukina	1. teşu	“pescoço de gente”
	2. mûdi teşu	“gargalo”

b) quando uma transformação no nível do referente pode provocar uma mudança de significado:

- | | |
|-------------|---|
| 1. ma'tsuti | “vassoura tradicional” |
| | “vassoura industrializada” |
| 2. teweti | “ornamentos tradicionais próprios para o pescoço” |
| | “colar” |

2. Neologia de forma

Com a sufixação do nominalizador:

Em Jamináwa

Tapi “raiz do verbo saber” + bis “aquele que

3. Empréstimos

3.1 Eles designam de modo geral um objeto ou uma experiência nova decorrentes da situação de contato interétnico:

Português	Kaxarari	Português	Kaxarari
“limão”	/limú/	“cinturão”	/sĩturũ/
“seringa”	/ʃĩrika/	“agulha”	/akulʸa/
“farinha”	/parinʸa/		

Observação: O levantamento dos dados do projeto, em fase de realização terão continuidade em dezembro próximo por ocasião da 5ª etapa do curso de formação dos professores índios do Acre.

No dia 15 seguimos de Rio Branco para Cruzeiro do Sul e daí, pro dia seguinte, para a aldeia Katukina do Campinas. Ali permanecemos por apenas 4 dias, devido ao necessário afastamento dos nossos informantes – professores – para participarem em um Encontro Regional de lideranças indígenas. De volta a Cruzeiro do Sul, demos prosseguimento ao trabalho de análise inicial da língua Kaxarari, e iniciamos o cotejo do material referente aos neologismos que havíamos coletado junto aos Kaxarari e Katukina, acrescidos pelas informações de que já dispunhamos, em decorrência do questionário de neologismos preenchido em Rio Branco, durante o IV Curso de Formação de Professores Índios, em março de 87 (ver anexos 1 e 2).

Tivemos então a oportunidade – não prevista no projeto, mas de rara felicidade para a documentação de línguas indígenas brasileiras – de travar contato com dois velhos líderes (irmãos) das duas únicas comunidades Arara existentes, e de gravar duas fitas com material lexical, narrativas e cantos na língua por eles falada. Trata-se da língua Xarandáwa (que significa “arara”), da família Pano, não mencionada quando se fala em língua Pano. O material, gravado e registrado por escrito, está à disposição de quem desejar iniciar pesquisa e ulterior documentação dessa língua, aparentemente em estágio de abandono por parte dos falantes mais jovens.

Brasília-DF, de de 1987.

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Rute Monserrat